

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Augusto Almeida de Souza

**O ENSINO DO FUTSAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR E A INTER-
RELAÇÃO COM A PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM RELATO DE ESTÁGIO**

**Porto Alegre
2024**

AUGUSTO ALMEIDA DE SOUZA

**O ENSINO DO FUTSAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR E A INTER-
RELAÇÃO COM A PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM RELATO DE ESTÁGIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Thiago José Leonardi

Porto Alegre

2024

Augusto Almeida de Souza

**O ENSINO DO FUTSAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR E A INTER-
RELAÇÃO COM A PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM RELATO DE ESTÁGIO**

Conceito final: A

Aprovado em: 21 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Carine Collet - Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Thiago José Leonardi –
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Com todo o meu coração, aos meus pais, Adela mir e Michelle, por sempre me apoiarem em tudo nessa vida, e terem me dado totais condições de chegar aonde estou chegando hoje. A forma como fui criado, sempre com muito amor, tranquilidade e zelo, me tornou a pessoa que sou, e não consigo me imaginar de outra maneira.

Aos meus irmãos, Júlia e Miguel, pela irmandade, cumplicidade, pelas risadas e pelas experiências juntos, ainda que nem sempre seja do nosso perfil expressar esse agradecimento um ao outro, o que não faz com que o sentimento seja diminuído.

Aos meus avós, Naira, Derli, Carolina e Adela mir, por todos os conselhos, pelo cuidado, pelo afeto e pelas lembranças, as que já passaram e as que ainda estão por vir. Sem sua presença o Augusto não seria Augusto, e talvez nem teria o Inter ao seu lado.

Ao meu amor, Franchesca, pelo companheirismo e pelo apoio incondicional mesmo quando tudo estava cinza, sempre colorindo os meus dias com a alegria de um abraço forte, um conselho certo, ou uma presença acolhedora. Sempre irei te aplaudir de pé, meu amor.

Ao meu fiel grupo de amigos, tanto os “origina is”, por todo o suporte e amor ao longo dessa nossa longa trajetória, quanto aos (felizmente) muitos outros que tive o prazer de conhecer pelo caminho e que foram fundamentais, cada um em sua maneira, para construir o que sou e o que tenho hoje.

Aos meus professores, por todos os ensinamentos, sermões e por todas as trocas, que moldaram o profissional e futuro professor que sou. À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (vida longa!) e à ESEFID, pelo acolhimento como segunda casa durante todo esse período e por tudo que me ensinou. Não só a mim, mas a tantos outros, de forma pública, gratuita e de qualidade.

RESUMO

O estágio é uma etapa da graduação que proporciona experiências essenciais para a formação de futuros profissionais. Além disso, o estágio pode se constituir como uma atividade de pesquisa. Uma das possibilidades de atuação do estágio dentro de ambientes escolares se dá nas atividades extracurriculares, ou de contraturno. Tratando-se de atividades extracurriculares, o futsal é a modalidade esportiva mais ofertada neste contexto. O processo de ensino do futsal, caracterizado como um Jogo Esportivo Coletivo, pode ser realizado a partir de diversos métodos, alicerçados em diferentes princípios metodológicos. Nesta lógica, o caráter pedagógico das práticas esportivas vem sendo motivo de diversos estudos. Estes conceitos são discutidos no marco teórico sob a ótica dos referenciais da Pedagogia do Esporte, sendo esta responsável por examinar a intencionalidade e a funcionalidade da atuação pedagógica. Dentro deste contexto, o trabalho a seguir é caracterizado como um relato de estágio de caráter descritivo, em que foram observadas aulas de futsal extracurriculares de uma turma de 3º e 4º ano do ensino fundamental, em uma escola particular da Zona Norte de Porto Alegre. Os relatos aqui descritos tiveram por objetivo analisar e discutir a metodologia de ensino do futsal por parte dos professores, bem como discorrer acerca das relações entre professores e alunos no contexto do esporte extracurricular escolar, especificamente no ensino do futsal.

Palavras-chave: Estágio. Pedagogia do Esporte. Atividades extracurriculares. Relato de observação.

ABSTRACT

Internship is a stage of undergraduate education that provides unique experiences for the training of future professionals. Moreover, the internship can be constituted as a research activity. One of the possibilities for internship involvement in school environments occurs in extracurricular activities or during non-class hours. In the case of extracurricular activities, futsal is the most offered sports modality in this context. The teaching process of futsal, characterized as a Collective Sports Game, can be carried out through various methods based on different methodological principles. In this logic, the pedagogical nature of sports practices has been the subject of various studies. These concepts are discussed in the theoretical framework from the perspective of the Sports Pedagogy references, which is responsible for examining the intentionality and functionality of pedagogical actions. Within this context, the following work is characterized as a descriptive internship report, where extracurricular futsal classes for a 3rd and 4th-grade elementary school class were observed at a private school in the North Zone of Porto Alegre. The reports described here aimed to analyze and discuss the teaching methodology of futsal by the teachers, as well as to elaborate on the relationships between teachers and students in the context of extracurricular school sports, specifically in the teaching of futsal.

Key words: Internship. Sports Pedagogy. Extracurricular Activities. Observation Report.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. MARCO TEÓRICO.....	11
1.1 PEDAGOGIA DO ESPORTE	11
1.2 O FUTSAL COMO JOGO ESPORTIVO COLETIVO: CONSOLIDANDO CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS	15
1.3 O FUTSAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR ESCOLAR	21
2. RELATOS DE OBSERVAÇÕES.....	23
2.1 CARACTERIZAÇÃO	23
2.2 METODOLOGIA.....	24
2.3 PLANEJAMENTO	25
2.4 OBSERVAÇÃO DAS AULAS	26
3. DISCUSSÃO	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44

INTRODUÇÃO

Desde criança, a Educação Física e o esporte têm desempenhado um papel muito importante para a minha formação como pessoa, estando presentes em diversos momentos marcantes de minha infância e adolescência. Cursar Educação Física na graduação, portanto, foi algo que eu já havia visualizado por muitos anos enquanto estudante. Atuar na Educação Física em ambiente escolar, no entanto, nem sempre foi uma realidade que atraía do ponto de vista profissional, em que atuar com o esporte, sobretudo de alto rendimento, era o que chamava a atenção de muitos calouros, incluindo a mim.

Dentro deste contexto, as experiências profissionais que adquiri ao longo da graduação, em especial estágios não-obrigatórios em escolas, foram um diferencial para abrir o caminho profissional que tenho trilhado. Segundo Pimenta e Lima (2005, p. 6), “o estágio se constitui como um campo de conhecimento. E enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.” A partir desta ideia, o estágio também pode ser uma atividade de pesquisa. Nesta lógica, Azolini (2012) acredita que o estágio é o que leva o futuro profissional a se deparar com a realidade da sociedade que irá encontrar ao finalizar a graduação. E esta experiência, dentro da minha realidade, era a peça que faltava no quebra-cabeça profissional em que eu me encontrava na época: compreender que o esporte e a escola não são caminhos distintos, e sim compatíveis.

Ao tratarmos de esporte em ambiente escolar, naturalmente a associação mais comum surge das aulas de Educação Física. Para Eidelwein e Nunes (2010), o esporte e a Educação Física estão “intimamente ligados, e a escola muitas vezes é o local onde a criança tem o primeiro contato com o esporte” (p. 1), tornando assim essencial considerar que o esporte nas aulas de Educação Física sejam aproveitados da melhor maneira possível, trazendo em sua totalidade os benefícios que o mesmo pode representar para a formação física, mental, social e do caráter do indivíduo. No entanto, cada vez mais é possível observar o crescimento da oferta de práticas esportivas extracurriculares dentro das escolas. Estas atividades também podem ser denominadas “práticas esportivas escolares” (PEEs), “esporte escolar” ou “turmas de treinamento” (LUGUETTI *et al*, 2015.)

Sob a ótica dos esportes dentro das atividades extracurriculares nas escolas, o futsal é uma das atividades mais comuns e amplamente divulgadas. Segundo Vecchioli (2023), o esporte é a modalidade mais praticada nas escolas brasileiras, utilizando como referência o número de inscrições em torneios escolares municipais, estaduais e nacionais. Fragas (2017) corrobora, argumentando que o futsal é um dos esportes mais desenvolvidos nas escolas nos dias atuais por ser o principal representante do âmbito esportivo dentro do ambiente escolar, além de ser um tema que mobiliza os alunos a participarem das aulas.

Entre outras funções, o futsal é utilizado por professores como meio facilitador do processo de ensino de habilidades motoras básicas e específicas. A Pedagogia do Esporte é uma Ciência do Esporte que oferece alternativas metodológicas que podem ser aplicadas à iniciação do futsal, possuindo grande importância para auxiliar a tratar dessas temáticas. Considerando as possibilidades de ensino do mesmo, cabe ao profissional ter claros os objetivos almejados e adotar um método compatível com sua visão, visto que o futsal, assim como qualquer outra prática, requer uma abordagem pedagógica sensível à fase de desenvolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, bem como um planejamento coerente de conteúdos.

Percebendo a importância de explorar e compreender as diferentes metodologias existentes, a organização dos conteúdos e a complexidade inerente ao processo de ensino-aprendizagem, o seguinte trabalho se trata de um relato de estágio. O objetivo foi analisar e discutir a metodologia de ensino do futsal por parte dos professores em atividades extracurriculares de uma escola particular da Zona Norte de Porto Alegre, a partir da minha ótica como estagiário na instituição. Serão relatadas observações de oito aulas, totalizando um período de dois meses de trabalho com uma turma composta por alunos de 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. Durante as observações, foram realizados registros acerca das estratégias utilizadas pelos professores, a organização das atividades, a comunicação com os alunos e o nível de participação e envolvimento dos estudantes. O objetivo específico do presente relato foi discorrer acerca das relações entre professor, aluno e estagiário no contexto do esporte extracurricular escolar, especificamente no ensino do futsal. A pesquisa é caracterizada como descritiva.

Para uma melhor organização, o presente trabalho foi dividido em quatro capítulos: o marco teórico, trazendo o que a literatura tem a fundamental acerca desta

temática, o relato das observações, a discussão a respeito do que foi observado e as considerações finais.

1. MARCO TEÓRICO

1.1 PEDAGOGIA DO ESPORTE

Ao longo dos anos, datando desde o século XVI, o esporte como conhecemos vem passando por diversos e contínuos processos de mudança. Datando desde o Período Antigo (GALATTI, 2010), nos séculos XVII e XVIII, há registros da influência da Inglaterra e seus jogos populares nas classes mais altas, passando em seguida pelo período Moderno e a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos em Atenas, 1896 - um marco na história do esporte -. A partir da construção desta linha do tempo, é possível observar uma série de aspectos que contribuíram para que o esporte em seu período Contemporâneo, praticado e vivido hoje em dia, tenha tomado a proporção que tomou atualmente.

Tamanho desenvolvimento, outrora inimaginável, inclui dentro do termo “esporte” outras manifestações dos mais variados âmbitos, tornando-o muito mais do que uma prática corporal, podendo também ser considerado um agente de transformação social, bem como uma ferramenta de entretenimento, de negócios, educação, treinamento moral, rituais, espaço para desenvolvimento de tecnologias e declaração de identidade (GALATTI *et al*, 2018).

Este crescimento possibilitou uma ampliação das possibilidades de compreensão do esporte, proporcionando uma interdisciplinaridade que tem o esporte como objeto de estudo. Podemos classificar tais manifestações em sete grupos, segundo Galatti *et al* (2018): profissão, representação, saúde, estética, lazer, socialização e educação.

A partir desta ampliação da forma como o esporte está inserido na sociedade e como impacta diferentes áreas de atuação, a educação, e mais especificamente a Pedagogia do Esporte - inserida como uma das Ciências do Esporte - ganha um papel de extrema relevância, visto que as práticas esportivas acabam por tornarem-se ferramentas educacionais. Dentro deste contexto, Galatti *et al* (2014, p. 153) faz a seguinte reflexão:

A Pedagogia do Esporte, enquanto disciplina das Ciências do Esporte, tem como objeto de estudo e intervenção do processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte, acumulando conhecimento significativo a respeito da organização, sistematização, aplicação e avaliação

das práticas esportivas nas suas diversas manifestações e sentidos (GALATTI *et al*, 2014, p. 153).

Além disso, segundo Leonardi, Berger e Reverdito (2019), a Pedagogia do Esporte (P.E.) é responsável por examinar a intencionalidade e a funcionalidade da atuação pedagógica, bem como as limitações da educação através do movimento, do jogo e do esporte nas suas múltiplas possibilidades e manifestações (FERREIRA, 2009).

Apesar dos avanços atingidos no que diz respeito ao esporte sob uma ótica científica, em específico as ciências pedagógicas, é possível se deparar na literatura com alguns obstáculos a serem ultrapassados tratando deste assunto. Há alguns empecilhos nessa temática que acabam por não refletir tamanho desenvolvimento previamente citado. Um deles seria a discrepância entre os conteúdos e a forma com que eles são ministrados, evidenciando um distanciamento entre a teoria e a prática, ou mais especificamente, entre os elementos que compõem a prática pedagógica (definição de objetivos, sistematização dos conteúdos, avaliação) e a experiência empírica do profissional (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009).

Um dos motivos para a identificação desta problemática, segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2009), se dá por conta da recente identificação da Pedagogia do Esporte na prática científica e pedagógica. Os avanços que têm sido observados neste século tratando destas questões geraram um debate acerca dos paradigmas da Pedagogia do Esporte, trazendo uma dicotomia entre novas tendências e a P.E. tradicional.

Assim como tem sido tratado ao longo deste capítulo, o esporte passou por profundas mudanças, juntamente com a sociedade. Ao tratarmos de esporte, acabamos por exceder puramente a prática esportiva e seus pretextos; trata-se de “uma realidade que transcende questões físicas e motoras, consolidando-se como uma atividade com potencial de educar e formar cidadãos em diferentes cenários”, (BERGER; GINCIENE; LEONARDI, 2020, p. 2) abordando também processos pedagógicos de ensino, vivência e aprendizagem, sob uma ótica do desenvolvimento integral do indivíduo como centro do processo de ensino dos esportes (LEONARDI, 2013) .

A partir disso, Ferreira (2009, p. 33) corrobora ao dizer que “a primeira referência para compreender a P.E. é ter um entendimento plural sobre o fenômeno

esporte, e não reducionista”, debatendo então o que pode ser chamado de “novo paradigma” da Pedagogia do Esporte. Uma abordagem reducionista seria aquela em que se enxerga o esporte somente a partir da ótica do que é oficial, padronizado, institucionalizado, regrado e que compara performances. O esporte, a partir de um novo paradigma, deve ser compreendido como “universal, fascinante e envolvente, dinâmico, plural, complexo e extremamente relevante na sociedade, sendo gerador de múltiplas sensações, possibilidades e significados” (FERREIRA, 2009, p. 33).

Dito isso, antes de discutir de forma aprofundada a metodologia de ensino do conteúdo, é necessário compreender que, a partir deste novo olhar para o esporte na contemporaneidade, a figura do “agente pedagógico” - professor ou treinador - deve considerar o processo de ensino, vivência e aprendizagem esportiva. Além disso, deve fazê-lo visando quatro pontos distintos: “o que ensinar (modalidade)?”, “qual cenário?”, “quem são os personagens?”, e “qual o significado?” (PAES; BALBINO, 2009, p. 74). Ghiraldelli (2007) corrobora, apontando para quatro questões que devem estar presentes na prática pedagógica do educador: (a) o que ensinar, (b) como ensinar, (c) para que ensinar e (d) para quem ensinar. Machado (2012) cita estes quatro tópicos, discorrendo acerca de seus significados:

O que ensinar corresponde aos conteúdos de ensino previamente selecionados e organizados pelo professor; Como ensinar diz respeito à utilização dos diferentes métodos de ensino, selecionados pelo professor de modo a atingir os objetivos previamente estabelecidos; Para que ensinar são os objetivos, pois ao ensinar o professor tem o compromisso com a formação do cidadão, portanto, os objetivos de ensino devem estar voltados para esta finalidade maior; Para quem ensinar: os conteúdos de ensino, bem como os métodos e as finalidades devem estar de acordo com as necessidades dos alunos, portanto, é importante que o professor conheça seus alunos, suas necessidades e limitações para que ele consiga adequar os outros três elementos, de acordo com tais características (MACHADO, 2012, p. 35).

A partir da consideração destes quatro tópicos, para auxiliar na compreensão dos diferentes conteúdos a serem desenvolvidos na prática esportiva, se faz de suma importância embasar a prática pedagógica levando em consideração três principais referenciais: técnico-tático, socioeducativo e histórico-cultural (PAES, 1996; MACHADO, 2012).

Paes e Balbino (2009) teorizam que para construir uma proposta pedagógica, se faz necessário observar dois pontos significativos: “a importância de trabalhar com o aluno os aspectos técnicos da modalidade escolhida e a importância de intervir junto

ao educando quanto a aspectos relativos a valores e princípios” (p. 74). No que diz respeito ao referencial técnico-tático, se caracteriza pelo “desenvolvimento de questões motoras, físicas, fundamentos e sistemas de cada modalidade” (BERGER; GINCIENE; LEONARDI, 2020, p. 2), além de abranger um leque de estudos presentes na literatura, tratando da “organização de conteúdos, a lógica técnica e tática de determinada modalidade a partir da resolução de situações problema; abrange modelos, métodos e estratégias de ensino” (LEONARDI, 2013, p. 28).

Na sequência, há o referencial socioeducativo, em que os valores e modos de comportamento são apresentados como conteúdos a serem intencionalmente trabalhados (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014). Tal referencial afirma que devem ser facilitadas discussões sobre valores, princípios e formas de comportamento, estabelecendo um espaço propício ao desenvolvimento interno e interpessoal, proporcionando momentos de reflexão e estabelecendo relações entre o que acontece nas aulas de esportes e a vida comunitária (BERGER; GINCIENE; LEONARDI, 2020). Além disso, o ensino do esporte deve ser pautado pela formação de cidadãos críticos, autônomos e capazes de produzir, reproduzir e ressignificar a cultura esportiva (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014).

Por fim, há o referencial histórico-cultural, “responsável por apresentar a história e a evolução do esporte e das modalidades” (BERGER; GINCIENE; LEONARDI, 2020, p. 2). Tal referencial é apresentado por Machado, Galatti e Paes (2014) para acenar respostas a alguns questionamentos levantados pelos mesmos:

Como contribuir para esta formação se os elementos históricos e culturais são privados aos mesmos? Como influenciar a apreciação do esporte, o gosto pelo esporte, a ressignificação de tais práticas se o aluno não conhece a trajetória, a evolução, o surgimento das modalidades esportivas, de eventos esportivos internacionais, se não há compreensão sobre o contexto das regras, sobre a influência da mídia? (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014, p. 419).

A partir destes tópicos, este referencial tem como objetivo resgatar no trabalho do profissional de educação física estes pontos que fazem parte da história de cada cidadão, já que “o esporte é um patrimônio cultural da humanidade construído e ressignificado constantemente pela sociedade, e que precisa ser compreendido pela mesma.” (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014, p. 420)

Finalmente, é necessário conhecer os referenciais apresentados acima para melhor compreender o objetivo da Pedagogia do Esporte, e suas funções em organizar, sistematizar, refletir, avaliar e criticar as práticas esportivas (FERREIRA, 2009). Portanto, segundo LEONARDI *et al* (2021, p. 8), “os referenciais são balizadores de conjuntos de conteúdos que podem – e devem – ser desenvolvidos intencionalmente ao longo do processo pedagógico.” Ao tratarmos de Pedagogia do Esporte, faz-se imprescindível, além disso, trazer a prerrogativa de Freire (2002), em que fala de: educar pelo esporte, ensinar o esporte para todos, ensiná-lo bem, ensinar mais do que ele próprio e ensinar a gostar de esporte.

1.2 O FUTSAL COMO JOGO ESPORTIVO COLETIVO: CONSOLIDANDO CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS¹

Assim como vem sendo descrito ao longo deste trabalho, o esporte é um fenômeno muito amplo, sendo configurado a partir de diversas manifestações, atingindo âmbitos diferentes da sociedade, além de ser um agente de transformação social (GALATTI *et al*, 2018). No processo de ensino, vivência e aprendizagem do esporte, o referencial técnico-tático - previamente abordado neste trabalho - é o que trata da lógica técnica e tática de determinada modalidade, e que segundo Galatti *et al* (2014, p. 640), “parece configurar a condição essencial da existência do jogo”.

Desta forma, as modalidades esportivas podem ser classificadas a partir de diferentes características. O conjunto dos JEC (Jogos Esportivos Coletivos) apresenta especial relevância sociocultural, abrangendo modalidades das mais populares, como futebol, futsal, voleibol, basquetebol e handebol (GALATTI *et al*, 2014). Os Jogos Esportivos Coletivos são modalidades que apresentam elementos em comum: um implemento, geralmente uma bola, movimentada com as mãos, pés ou bastões/raquetes; um terreno, onde acontece o jogo; uma meta, a ser atacada ou defendida; companheiros de equipe, que cooperam buscando alcançar os objetivos do jogo; adversários, a serem superados; e regras a se respeitar, em uma situação de rivalidade não hostil (BAYER, 1994; TEODORESCU, 2003).

¹ Subtítulo inspirado no capítulo “Pedagogia do Esporte, JEC, estratégia, tática, técnica e iniciação esportiva: consolidando conceitos e características” (GALATTI *et al*, 2017, p.640)

Dentro das características de um JEC, o futsal está incluído nesta classificação, com suas particularidades assim como todas as modalidades. Silva e Greco (2009) descrevem os aspectos próprios da modalidade futsal:

Classificado como um jogo esportivo coletivo, o Futsal é uma modalidade de oposição/cooperação onde companheiros de equipe, em cooperação, lutam para alcançar seus objetivos ao mesmo tempo em que os adversários, em oposição, buscam impedir que esses objetivos sejam alcançados. É também, uma modalidade de invasão, uma vez que suas ações acontecem em um espaço comum, com participação simultânea de atacantes e defensores em relação à bola, sem esperar a ação final do adversário. Assim, em determinados momentos, os jogadores se concentram em pequenos espaços o que, aliado ao fato do controle da bola ser feito com os pés, diferentemente de outros esportes, exige dos mesmos, além da capacidade de tomada de decisão, um elevado refinamento técnico no domínio da bola com os pés (SILVA e GRECO, 2009, p. 297).

Além das características abordadas que definem um Jogo Esportivo Coletivo, é possível dividir um JEC a partir de três fases: ataque, defesa e transição (ofensiva e defensiva), sendo as três fases diferenciadas pelo fator da posse de bola (LEONARDI, 2013). Considerando a posse de bola como um fator definitivo para as fases de um jogo, e os objetivos a serem alcançados dentro do jogo, descritos acima por Silva e Greco (2009), Bayer (1994) propõe os princípios operacionais dos Jogos Esportivos Coletivos, apresentados a seguir por meio de uma figura de Leonardi (2010).



Figura 1 – Princípios operacionais dos JECs. Fonte: LEONARDI, 2010, p. 58

A proposição destes princípios operacionais por Bayer (1994) traz consigo a ideia de apresentar e sugerir o ensino de tais princípios antes do ensino específico de uma modalidade. A ideia defendida pelo autor, com isso, seria a de que o ensino da lógica interna do jogo, proposta através dos princípios, pode ser transferida para

qualquer modalidade coletiva por conta de sua presença em todos os JECs de invasão (LEONARDI, 2013).

Tratando desta ideia de lógica interna do jogo transferível a diferentes modalidades, a partir das relações de elementos como o jogador, a bola, os companheiros, os adversários e o alvo, Garganta (1995) é um autor que corrobora com Bayer, além de apresentar outra ideia relevante: os indicadores do jogo de fraco nível e os fatores de desenvolvimento de bom jogo, representados através de um quadro organizado por Leonardi (2013):

Indicadores de jogo de fraco nível	Fatores de desenvolvimento de bom jogo
Aglutinação (todos os jogadores junto da bola)	Passar a bola
Individualismo	Afastar-se do colega que tem a bola
Não procurar espaço para facilitar o passe do companheiro [criação de linha de passe]	Buscar espaços vazios para receber a bola [criar linhas de passe]
Não defender	Receber a bola e observar [leitura de jogo]
Sempre falar para pedir a bola aos companheiros	Criar linha de passe após ter passado a bola a um companheiro
Não respeitar as decisões do árbitro	Não esquecer o objetivo do jogo (gol ou cesto)

Quadro 1: indicadores do jogo de fraco nível e os fatores de desenvolvimento de bom jogo. Fonte: LEONARDI, 2013, p. 37

A partir disso, tratando especificamente do futsal, 10 atletas, separados entre duas equipes, participam simultaneamente do jogo, variando suas ações em ofensivas (com a posse da bola), defensivas (sem a posse da bola) e de transição, buscando atingir os objetivos de sua equipe por meio dos princípios operacionais. Os objetivos, por sua vez, podem ser parciais (recuperar a posse da bola) ou finais (marcar o gol), de acordo com a fase do jogo. Enquanto “ [...] uma equipe ataca, conservando a posse de bola e avançando no espaço em direção à meta, a outra se defende, buscando recuperar a bola enquanto impede o avanço do adversário no próprio campo de jogo” (SILVA E GRECO, 2009, p. 298).

Sob outra ótica, Silva (2018) discute a organização da modalidade futsal a partir de suas características e regras:

[...] Futsal é jogado em quadras esportivas cobertas (ginásios), com cinco jogadores de cada equipe na quadra, mas quando iniciou, foi praticado com até sete jogadores de cada lado. Os anos passaram e as regras foram definidas, tanto em relação ao número de jogadores, como ao tamanho da quadra, tamanho e peso da bola. O objetivo principal é acertar a goleira do adversário, fazendo gols. O esporte é jogado com os pés, sendo que o goleiro é o único que também pode utilizar as mãos para segurar a bola e realizar defesas, a fim de evitar que o objetivo do adversário seja alcançado. O tempo de jogo é dividido em duas etapas de vinte minutos cada. (SILVA, 2018, p. 13)

Associando as ideias de Bayer (1994) e Garganta (1995), podemos ter um maior entendimento acerca da lógica do jogo coletivo que, segundo Leonardi (2013), auxilia em observar como a inteligência - no sentido de capacidade de resolver problemas - é manifestada no JEC.

Com o JEC e seus princípios operacionais devidamente conceituados, é importante tratarmos do processo de ensino, vivência e aprendizagem dos mesmos, conseqüentemente trazendo à tona outros conceitos. Ao abordarmos os procedimentos pedagógicos que um profissional deve adotar, alicerçado pela Pedagogia do Esporte previamente discutida, um destes procedimentos é o de sistematizar o conteúdo a ser ensinado (FERREIRA, 2009; LEONARDI, 2013). Ao sistematizar o conteúdo de um determinado período de tempo a ser ministrado em um contexto, o professor/treinador tradicionalmente depara-se com dois relevantes princípios metodológicos para nortear sua prática docente: o princípio analítico-sintético e o global-funcional.

O princípio analítico-sintético propõe o ensino, vivência e aprendizagem do esporte a partir do exercício de habilidades isoladas, com ênfase na repetição de tarefas para o aprimoramento técnico, focadas nas repetições dos fundamentos da modalidade, seguidas da prática do jogo formal, momento que acaba por tornar-se desconexo dos objetivos de aprendizagem, em que os alunos com maior desenvolvimento físico e motor naturalmente se sobressaem, remetendo a um princípio metodológico sustentado em uma concepção tradicional (FERREIRA, 2009; GALATTI *et al*, 2014). Esta concepção considerada “tradicional” ao ensino dos Jogos Esportivos Coletivos traz consigo críticas por conta da sua descontextualização da especificidade de cada modalidade, bem como uma possível improdutividade no que

se propõe a ensinar. Galatti *et al* (2014, p.156) afirma que “nota-se uma aproximação do pressuposto da simplicidade com os métodos de ensino e treinamento baseados no princípio metodológico analítico-sintético”.

Por outro lado, o princípio global-funcional baseia-se na resolução de problemas táticos, confrontando o aluno com estímulos que o permite adaptar-se a situações dinâmicas que exigem uma leitura rápida para as constantes tomadas de decisão. No entanto, sem deixar de adequar a complexidade do jogo, através de jogos compatíveis com a faixa etária e a capacidade técnica dos alunos (GRECO, 1998). Dentro deste contexto, voltamos a destacar os princípios operacionais dos Jogos Esportivos Coletivos previamente discutidos por Bayer (1994), por sua capacidade de auxiliar na transferência de ideias em comum de diferentes modalidades, sem perder a estrutura e a lógica interna do esporte, facilitando a aprendizagem do indivíduo ao conceito. Galatti *et al* (2017, p. 645) diz que “tais modelos buscam criar um ambiente diversificado e criativo, abrindo uma gama de diferentes níveis de experiências, possibilitando ao indivíduo o desenvolvimento da sua autonomia”.

A partir desta ideia, é importante conceituar dentro da sistematização de conteúdo por parte do professor o método de ensino. Por conceituação, a função do método é “proporcionar ao indivíduo (que não consegue executar ‘por insight’ uma determinada ação) os meios, caminhos e ferramentas que facilitem e tornem possível a obtenção de um novo nível de rendimento” (GRECO, 1998, p. 40). Existem muitos métodos de ensino possíveis de serem utilizados pelo professor, alguns mais próximos ao princípio metodológico global-funcional, outros ao analítico-sintético, mas cabe ao profissional da área aplicar o que mais se relaciona com seus objetivos e com o contexto em que está inserido.

Dentro de uma grande variedade de métodos, alguns podem ser destacados como de maior utilização. Nos anos 80, temos o exemplo de três métodos de ensino mais utilizados, descritos por Greco (1998): o método global, caracterizado por série de jogos (de iniciação, pré-desportivos) que mantém a estrutura básica dos jogos formais; método de confrontação, que consiste em jogar o jogo do adulto, com suas regras e formas, sem simplificar regras e tarefas; e o método parcial, dividindo os elementos do jogo para serem ensinados separadamente, utilizando da repetição de séries de exercícios para aprendizagem técnica.

Com o passar do tempo e os avanços na literatura, novos métodos foram surgindo, sendo descritos e estudados, proporcionando novas possibilidades no

processo de ensino, vivência e aprendizagem das modalidades. Dentro de um novo olhar para o ensino de esportes, o aluno é um construtor ativo e ocupa posição central no processo, “sob um enfoque construtivista que visa levar o aluno a descobrir por si mesmo qual o melhor caminho/resposta a dada situação problema” (LEONARDI, 2013, p. 38).

Dentro deste contexto, surge o modelo Teaching Games for Understanding (TGfU), ou Modelo de Ensino de Jogos para Compreensão, de Bunker e Thorpe, 1982. Neste modelo, a sistematização é feita por jogos, reduzidos ou não, mas contendo todos os elementos técnico-táticos do jogo formal; a proposta objetiva tornar os jogadores mais conscientes taticamente para tomar melhores decisões durante o jogo (ROSA; FLORIANO; PEREIRA, 2021; GALATTI *et al*, 2017).

Mais recentemente, no início dos anos 2000, no contexto escolar, tem ganhado projeção o Sport Education, ou educação esportiva. O modelo visa, por meio do jogo, possibilitar aos alunos uma vivência esportiva autêntica. No cenário escolar, essa proposta possibilita a inclusão de todos os alunos, pois não prioriza a reprodução gestual, e sim a vivência de cada um. O desenvolvimento se dá por meio do envolvimento com a competição esportiva em diferentes papéis, tais quais os de jogador, organizador, árbitro, jornalista e treinador, além da participação no planejamento, na organização e competindo em conjunto (ROSA; FLORIANO; PEREIRA, 2021; GALATTI *et al*, 2017).

Independente do método escolhido, cabe ao professor/treinador ter claros os objetivos almejados e adotar um método compatível com sua visão, para enfim executá-lo. Para Galatti e Paes (2007, p. 38), é função do agente pedagógico a de “situar o aluno e torná-lo capaz de desenvolver novas habilidades por meio do jogo, e não apenas repetir exaustivamente técnicas, porque nem sempre o praticante consegue transferi-las para o jogo.”

Para isso ocorrer, além de atentar-se aos métodos, o profissional deverá utilizar de diferentes estratégias de ensino. A estratégia pode ser definida como o tipo específico de organização metodológica de uma tarefa, e existe uma variedade de estratégias possíveis, como: exercícios analíticos, exercícios sincronizados, circuitos, jogos e brincadeiras, situações de jogo, jogos pré-desportivos e jogo formal. (GALATTI; PAES, 2007)

Por fim, os conceitos referentes à Pedagogia do Esporte e o processo de ensino, vivência e aprendizagem das modalidades esportivas são diversos, e

compreender os seus significados e aplicações contribui enormemente para a prática do agente pedagógico, independente do contexto em que esteja inserido.

1.3 O FUTSAL COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR ESCOLAR

Um dos contextos em que o ensino dos esportes e, especificamente, o futsal está incluído é como uma atividade extracurricular oferecida nas escolas. Pacífico *et al* (2020) cita que a prática de atividades físicas e esporte são elementos importantes para influenciar uma vida saudável na infância e adolescência: “a escola é um ambiente promotor de ações voltadas para uma melhor percepção de qualidade de vida, uma vez que é um dos ambientes onde a criança passa grande parte do dia” (PACÍFICO *et al*, 2020, p. 549). Nascimento (2021, p. 3) acredita que a prática do esporte e do exercício físico bem elaborado, “sendo de forma moderada e adequada para o indivíduo na infância, apresenta vários benefícios que são evidenciados nos mais variados órgãos e sistemas.”

Dentro desse contexto, o ambiente pode proporcionar atividades esportivas, socialização nas aulas de educação física e incentivo à prática de exercícios físicos em horários extracurriculares (PACÍFICO *et al*, 2020). Pérez-Ordás *et al* (2019) mostra que programas de atividades esportivas extracurriculares oferecidos pelas escolas são ferramentas eficientes para reduzir o sedentarismo entre crianças e adolescentes.

Segundo Assis e Zanella (2012, p. 77), houve um aumento da permanência dos jovens brasileiros em instituições educacionais, intensificando-se contemporaneamente, “com ingresso cada vez mais precoce e permanência cada vez mais prolongada.”

Dentre a oferta de atividades extracurriculares, está o esporte, que, segundo Gáspari e Schwartz (2001), é um elemento facilitador para melhoria da percepção de qualidade de vida, além de contemplar a automotivação e oportunizar situações capazes de gerar mudanças atitudinais. Há um destaque para o esporte dentro das atividades extracurriculares segundo Luguetti *et al* (2015), corroborado por Basei, Bendrath e Menegaldo (2017, p. 153), quando dizem que tal destaque pode estar relacionado com questões referentes a “[...] infraestrutura; formação dos profissionais que desenvolvem estas atividades e a visibilidade da escola por meio destes projetos, visto que muitos estão voltados ao treinamento de modalidades para competições[...]”.

Dentro da lógica do esporte extracurricular, Silva (2022, p. 211) cita que “[...] os esportes proporcionados pelos programas de contraturno escolar podem ser artefatos para construção de projetos curriculares que promovam integração entre os sujeitos”. Corroborando com a ideia, Maciel, Feriato e Folle (2021, p. 95) discorrem:

O contraturno escolar é uma ferramenta valiosa que contribui positivamente para o processo de desenvolvimento dos estudantes, pois além de ampliar o tempo de contato do aluno com a comunidade escolar, a escola dispõe de espaços apropriados para a prática esportiva e propicia momentos ricos de aprendizagem, capazes de proporcionar aos jovens práticas diversificadas de qualidade em seu tempo extraclasse. Dentre a oferta de atividades extracurriculares, as modalidades esportivas sempre tiveram amplo espaço na realidade escolar brasileira, justificadas principalmente pela aceitação dos estudantes, pela facilidade de implementação e pela estrutura física presente na maioria das escolas para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, enquanto componente curricular obrigatório da Educação Básica (MACIEL; FERIATO; FOLLE, 2021. p 95)

A partir desta lógica, faz-se essencial que essas atividades sejam ensinadas “de forma gratificante, respeitando a individualidade, o interesse e a capacidade dos praticantes, além de considerar o seu caráter multidimensional” (MACIEL; FERIATO; FOLLE, 2021. p 95).

Neste contexto, o futebol e o futsal, por se tratarem dos esportes mais populares do mundo, são ferramentas importantes para as práticas esportivas formais e não formais para as crianças e adolescentes (SOARES, 2021). Segundo Soares (2021, p. 8), “a partir do ensino do futebol é possível desenvolver nas crianças e nos adolescentes os aspectos intelectual, social, moral e físico, por se tratar de um esporte coletivo, que promove a interação entre os participantes.”

Apesar de tudo isso, devido às mudanças socioeconômicas e culturais ocorridas nos últimos anos, grande parte dos jovens não possuem condições para participar de atividades físicas no contraturno escolar, seja em espaços públicos ou em espaços privados destinados a essa prática (SCHAAB *et al* 2022).

Dentro da lógica da importância, benefícios e desafios do ensino do esporte no contraturno, mais especificamente o futsal, e suas diferenciações em relação ao ensino do esporte na Educação Física escolar, o seguinte relato de observação de estágio ocorreu como descrito no próximo capítulo.

2. RELATOS DE OBSERVAÇÕES

Para uma melhor organização das informações deste relato de observação, o capítulo a seguir foi dividido em quatro subcapítulos: a caracterização da escola, apresentando o contexto em que os relatos estão inseridos; a metodologia utilizada na realização do trabalho; o planejamento, discutindo a preparação e o que estava descrito por parte dos professores para o desenvolvimento das aulas ao longo do ano letivo; e a observação, relatando então o que foi visto durante o tempo determinado de acompanhamento.

2.1 CARACTERIZAÇÃO

O seguinte relato foi realizado em uma escola particular da Zona Norte de Porto Alegre, instituição em que trabalhei como estagiário de Educação Física durante um ano, entre novembro de 2022 e dezembro de 2023. A aproximação por já estar inserido no contexto da instituição, bem como minha participação dentro das atividades extracurriculares observadas foram fatores que influenciaram na escolha do tema. Isto facilitou também o contato e a permissão dos profissionais envolvidos no trabalho (os professores de futsal e o coordenador do programa de atividades extracurriculares da escola), além do contato com os alunos.

A escola possui características bastante singulares quando comparada a outras escolas, particulares ou não, da cidade. Uma destas características, e talvez a mais significativa, é a de ser uma escola internacional, onde as aulas e a comunicação com os alunos ocorrem na língua inglesa, também por conta da presença de diversos alunos e funcionários de outras nacionalidades que não a brasileira na instituição.

A escola possui dois campi, sendo um deles para as atividades da Pré-Escola, com alunos de 3 a 5 anos, e outro para atividades do Ensino Fundamental e Médio (*Primary e Secondary*). Nesta unidade, os espaços utilizados para as aulas de futsal observadas eram o da cobertura do prédio principal (chamado de *Rooftop*), em que haviam três quadras poliesportivas descobertas de tamanhos diferentes; e o ginásio coberto da escola, com uma grande quadra poliesportiva com a possibilidade de divisão em duas quadras menores. Em termos de materiais para o desenvolvimento das aulas, a escola possui uma gama muito diversificada quando comparada a outras instituições de ensino, o que chamou a atenção.

As atividades extracurriculares da escola, organizadas pelo programa chamado de *After School Program*, aconteciam logo após o fim das atividades curriculares, que se encerravam no horário das 15h10, todos os dias. Cada dia da semana possuía uma grade de atividades diferentes, em que os responsáveis pelos alunos poderiam escolher quais atividades melhor encaixam em suas rotinas e horários. Além do futsal, outras atividades oferecidas no serviço extracurricular incluíam basquetebol, voleibol, tênis, robótica, artesanato, aulas de piano, violão, francês, capoeira, entre outras.

2.2 METODOLOGIA

Dentro deste contexto, os treinos de futsal ocorriam em todos os dias da semana, variando o dia de acordo com a faixa etária. Na faixa etária observada, a de 8 a 9 anos de idade (correspondendo ao 3º e 4º ano do Ensino Fundamental, respectivamente) as aulas aconteciam nas terças-feiras, das 15h30 às 17h, divididas em dois períodos de 45 minutos. A turma era formada, em média, por 25 alunos. O ano letivo da escola e, conseqüentemente, as oficinas extracurriculares, tiveram início no mês de agosto de 2023. Foram realizadas observações de oito aulas, totalizando um período de aproximadamente dois meses, entre o final de agosto, setembro e início de outubro do referido ano. Para a descrição dos relatos, foi utilizada a ferramenta do Diário de Campo, narrando os acontecimentos do cotidiano em relação a atividades propostas, reação dos alunos, contexto da escola, entre outros fatores relevantes. As aulas eram ministradas por dois professores, um do sexo masculino e uma do sexo feminino, que já trabalhavam há alguns anos na escola. A professora já ministrava aulas para esta turma no ano letivo anterior, além de outras turmas dentro da escola, enquanto o professor trabalhava até então somente com os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental e de Ensino Médio, havendo uma mudança para o ano letivo aqui abordado. Além destes dois profissionais, as aulas de futsal também incluíam a presença de dois estagiários de Educação Física, dentre os quais eu me incluía.

Esta pesquisa é caracterizada como descritiva, método definido por incluir um estudo observacional que visa a identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo (NUNES *et al*, 2016). Segundo Nunes *et al* (2016, p. 146), “as pesquisas deste tipo têm como

objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis”.

2.3 PLANEJAMENTO

Tratando do planejamento dos profissionais para o ano letivo, foi realizada uma reunião com a presença do professor e dos estagiários na semana que antecedeu o início das atividades, em agosto. Nesta reunião, foi realizada uma apresentação do planejamento a longo prazo para o programa de futsal da instituição, iniciando desde as aulas do 1º ano do Ensino Fundamental até os treinos e competições dos alunos do Ensino Médio. Tal reunião se fez essencial por conta dos remanejamentos de horários e turmas, bem como a inscrição das equipes de futsal da escola em diversas competições. O planejamento descrito pelo professor foi dividido em quatro principais tópicos: Perfil do Atleta, Objetivos, Conteúdos e Procedimentos Metodológicos.

No tópico Perfil do Atleta, são apresentadas três características denominadas fundamentais na identidade do atleta da instituição, chamadas de “Três Cs”: corajoso, criativo e competitivo. Esta nomenclatura, segundo o referencial do professor, tem como inspiração o “Perfil do Aluno”, tradução livre de “*Learner Profile*”, um conceito aplicado pela escola com base no *International Baccalaureate* que nomeia dez perfis de aprendizagem: investigador (*inquirer*), conhecedor (*knowledgeable*), pensador (*thinker*), comunicador (*communicator*), íntegro (*principled*), mente aberta (*open-minded*), carinhoso (*caring*), ousado (*risk taker*), equilibrado (*balanced*) e reflexivo (*reflective*), em tradução livre (BACCALAUREATE, 2023).

Já no tópico Objetivos, são citados diferentes tipos de objetivos para cada categoria, mas iremos priorizar a faixa etária observada na pesquisa, a considerada Sub-10. Dentro desta categoria, são apresentados os seguintes objetivos:

Objetivo geral: incentivar a prática do Futsal como meio de competição e como forma de representar a escola; objetivo atitudinal: compreender a importância do trabalho em equipe; objetivo conceitual: entender a lógica interna do jogo; objetivo procedimental: aperfeiçoar a relação com a bola e as capacidades coordenativas.

A partir destes objetivos, foram listados os conteúdos a serem abordados ao longo do ano letivo dentro do planejamento para a turma. Os conteúdos foram os seguintes:

- Trabalho em equipe;

- Competências Individuais (Eu-Bola-Alvo-Colega-Adversário);
 - Ofensivas:
 - Recepção + Passe;
 - Linha de Passe;
 - Amplitude e Profundidade (“abrir a quadra”).
 - Defensivas:
 - Ficar entre a bola e o gol;
 - Base de Marcação;
 - Concentração (“fechar a quadra”).
- Princípios Operacionais;
 - Ficar com a bola / Recuperar a bola;
 - Avançar na quadra / Impedir o avanço;
 - Finalizar no gol / Proteger o gol.
- Capacidades Coordenativas + Agilidade.
 - Reação;
 - Equilíbrio.

No tópico “Procedimentos Metodológicos”, o planejamento dos profissionais descrevia uma estrutura de aula geral, incluindo quatro momentos distintos. O primeiro momento seria uma roda de conversa inicial, com duração de 5 a 7 minutos, visando o estabelecimento das combinações e regras de convivência para um bom funcionamento da aula e um momento de apresentação das atividades que serão realizadas na aula, bem como a relação com a aula anterior. Na sequência, seria a atividade inicial, durando aproximadamente 10 a 15 minutos, com a introdução dos conteúdos que serão refinados na atividade central. É descrito como uma dinâmica que envolve todas as crianças, normalmente brincadeiras com bola, onde o grande foco é cada criança ter uma bola no pé. Já na atividade central, com duração de 20 a 30 minutos, chega o momento em que o professor divide o grupo para que todos possam realizar a atividade com bastante densidade e repetição, visando aquilo que é proposto como o tema da aula. Por fim, a roda de conversa final, de 5 minutos, com um momento de reflexão sobre tudo que ocorreu na aula, bem como uma análise se todas as combinações e regras de convivência foram cumpridas; momento também para prospectar o próximo encontro.

2.4 OBSERVAÇÃO DAS AULAS

Em relação ao planejamento destacado acima, os professores não possuíam planos de aula criados para cada semana, e iam adaptando as atividades em tempo real conforme o contexto e objetivo da aula. Abaixo estão descritas as minhas observações de cada aula observada.

Aula 1 - 22 de agosto: as observações iniciaram no dia 22 de agosto, que foi a terceira semana de aula após o retorno do recesso. Isto se deu por conta do processo de matrícula nas atividades extracurriculares, visto que nas primeiras duas semanas, os alunos poderiam realizar livremente as atividades de maneira experimental. Desta forma, tomei a decisão de iniciar os relatos a partir da semana 3, para que a turma já estivesse melhor caracterizada como a que iria continuar no restante do ano letivo.

A aula iniciou com uma roda de conversa entre os professores e os alunos, com duração total de aproximadamente 10 minutos. Primeiramente, foram abordadas as combinações e regras de convivência, visto que antes da aula os alunos tinham um tempo para o lanche na cantina, o que ocasionava alguns atrasos na aula ou alunos chegando em quadra com lanches em mãos. Esta conversa se repetiria ao longo das observações, visto que a turma continha um número elevado de alunos, e o trajeto de todos eles em fila da cantina até as quadras era um momento conturbado em questões comportamentais. O professor então perguntou aos alunos se eles conheciam regras específicas do futsal, com o objetivo de caracterizar a modalidade, visto que muitos alunos confundem a prática do futsal com o futebol de campo, por exemplo. A partir das respostas dos alunos, o professor abordou algumas diferenças básicas, como o número de jogadores em quadra, o tamanho da quadra, as cobranças de lateral e tiro de meta, entre outras questões. Neste momento inicial, ocorreu algo que também seria recorrente em todas as aulas do período observado: como abordado anteriormente, a escola possui alunos de outras nacionalidades, e as aulas do currículo são ministradas na língua inglesa. No entanto, isto não ocorria nas aulas extracurriculares de futsal, visto que nenhum dos professores dominava a língua. Nesta turma havia dois alunos estrangeiros que não compreendiam português, portanto era pedido a mim para auxiliar estes alunos no momento de explicação das atividades, traduzindo para a língua inglesa os comandos dos professores.

Após este momento inicial, a parte prática da aula teve início, com duração total de 20 minutos nesta primeira atividade. Os professores informaram que o tema da

aula seria condução, recepção e passe. A turma foi dividida em dois grandes grupos, enquanto um grupo estava em uma quadra, o outro grupo estava em outra. No momento da divisão dos alunos, houve alguns questionamentos por parte dos mesmos, pois gostariam de serem incluídos no grupo de seus colegas de maior proximidade. No entanto, os professores escolheram os grupos, e isso se repetiu ao longo das observações. Após 10 minutos de prática, os grupos então trocavam de quadra para vivenciar a outra atividade.

Na primeira quadra, o professor utilizou da estratégia de jogos e brincadeiras para atingir os objetivos da aula. Foram posicionados pequenos arcos em todo o espaço da quadra, e cada aluno recebeu uma bola. O objetivo da atividade era “tapar o buraco”, que seria conduzir a bola até algum arco após o sinal do professor. No entanto, havia um número menor de arcos do que de alunos, portanto fazia-se essencial a rapidez no movimento para não ficar “sem buraco”.

Enquanto isso, na segunda quadra com a professora, a atividade era a seguinte: 5 duplas estariam posicionadas uma de frente para a outra, trocando passes de diferentes formas (passe de “chapa”, passe de peito de pé, passe com a perna não-dominante). Ao sinal da professora, dois alunos, que estavam de fora destas duplas, deveriam conduzir a bola passando entre a linha de passe das duplas, com o objetivo de desviar das bolas que cruzariam seu caminho. Tal atividade pode ser considerada dentro da estratégia de jogos e brincadeiras por sua ludicidade após o comando da professora, mas antes disso, a troca de passes dos alunos seria um exercício analítico.

Após ambos os grupos vivenciarem as duas atividades, estes mesmos grupos foram divididos na metade, formando 4 equipes distintas. Foram realizados então jogos formais de futsal, atentando-se às regras específicas discutidas no início da aula, com um jogo ocorrendo em cada quadra simultaneamente. Este momento teve duração total de 15 minutos, com cada partida tendo duração de 5 minutos.

Depois do fim destes jogos, os professores reuniram a turma para um momento de reidratação, e o primeiro período de 45 minutos chegou ao fim. Dos aproximadamente 30 alunos que estavam presentes, 6 foram embora ao final do período. Após esta pequena pausa, os alunos restantes foram novamente divididos em equipes, com mais partidas ocorrendo simultaneamente entre as duas quadras. Este momento durou aproximadamente 35 minutos, com os confrontos entre as equipes sendo constantemente alternados.

Para finalizar a aula, os professores reuniram os alunos e realizaram uma sessão de cobranças de pênalti, e posteriormente uma roda de conversa final antes de liberá-los para casa. Este momento teve duração de 10 minutos, totalizando assim 1h30min de aula.

Aula 2 - 29 de agosto: na segunda aula observada, o roteiro no início foi o mesmo: roda de conversa (10') em um primeiro momento, lembrando combinados e regras que foram discutidas nas primeiras semanas. Uma destas combinações, acordadas na primeira aula do semestre, é a de que sempre na última aula do mês seria realizado um pequeno torneio; as equipes seriam montadas pelos professores, e os jogos aconteceriam simultaneamente em três quadras do espaço disponível. Ao final de cada partida, as equipes trocam de quadra e de adversário, e seriam anotados o placar da partida e os pontos referentes a cada equipe.

Nesta aula, foram montadas seis equipes de, em média, 5 alunos cada. A tentativa dos professores era a de mesclar alunos do 3º e 4º ano dentro da mesma equipe, de forma a equilibrar o nível do jogo, além de selecioná-los baseado no nível de aptidão técnica que demonstraram nas aulas do mês, sob a mesma justificativa do equilíbrio das partidas.

Os alunos, de forma geral, demonstraram muita ansiedade pela chegada desta aula, e isto foi usado como estratégia por parte dos professores para controlar o comportamento da turma, advertindo os alunos de que caso não seguissem os combinados, não iriam participar da aula.

O momento da seleção das equipes novamente trouxe alguns questionamentos por parte dos alunos em relação aos professores, com o objetivo de serem incluídos em equipes de seus colegas mais próximos. Mas com exceção de um ou outro aluno que demonstrou maior descontentamento pela equipe que foi designado, a turma aceitou as escolhas e estava muito animada para o início dos jogos.

Durante a realização das partidas, cada professor ficou responsável pela arbitragem e organização de uma quadra, enquanto a terceira quadra ficou sob responsabilidade dos estagiários. Os alunos, em sua grande maioria, se divertiram bastante, mesmo demonstrando grande competitividade dentro das partidas. O único ponto que chamou a atenção negativamente foi o fato dos alunos que mais demonstraram descontentamento no momento de escolha das equipes, continuarem

trazendo isso à tona durante as partidas, reclamando dos colegas de equipe e gerando um ambiente negativo em alguns momentos. Com isso, fez-se necessária a intervenção por parte dos professores, conversando diretamente com estes alunos para que isso não ocorresse. Ao final do primeiro período de 45 minutos, novamente alguns alunos tiveram de ir embora, o que levou os professores a remanejar algumas equipes no momento de intervalo para água.

O segundo período de 45 minutos foi de ânimos mais controlados, visto que o número de alunos e de equipes diminuiu, e a ansiedade inicial pelo fato de ser uma aula “especial” já havia passado. Ao final do segundo período, chegou a hora de anunciar a equipe vencedora do mini-torneio, e os professores reiteraram a importância de manter o respeito com os colegas independente do resultado, debatendo práticas de “bom” e “mau” perdedor/vencedor. Esta roda de conversa final (7’) foi bastante proveitosa, visto que os alunos compreenderam bem a importância da temática e adicionaram comentários pertinentes, trazendo inclusive conceitos abordados em sala de aula - como os “Perfis de Aluno”, explicitados anteriormente aqui - pelos professores.

Aula 3 - 05 de setembro: Na terceira semana de aula, foi possível observar a turma e os professores em um contexto diferente. Estava chovendo no dia, e o local onde normalmente ocorrem as aulas - a cobertura do prédio da escola - não poderia ser utilizado. Portanto, a solução foi remanejar a aula para o ginásio coberto da escola. A questão é que o ginásio, às terças-feiras no mesmo horário da aula de futsal, está ocupado pela turma de vôlei de alunos do Ensino Médio, que é constituída por um número considerável de alunos. Naturalmente, seriam impostos desafios em relação ao espaço de uso de cada atividade e também de ambiente, visto que em um ginásio a acústica para a realização de uma aula sofreria diferenciações.

Dito isso, a quadra do ginásio da escola foi dividida na metade com o uso de uma cortina divisória. Os alunos, ao receberem a notícia de que a aula seria realizada no ginásio, ficaram extremamente animados, visto que o piso da quadra é mais propício para a prática do futsal. Além disso, o ginásio é visto pelos alunos como o principal espaço da instituição para a realização de esportes, e nem sempre está disponível para uso de sua faixa etária, pois suas aulas de Educação Física escolar e suas atividades extracurriculares não são realizadas no ginásio, ficando este mais restrito aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Ao chegar com a turma no ginásio, os professores reuniram os alunos em círculo para explicar o funcionamento da aula neste contexto diferente, o que levou aproximadamente 7 minutos, além de pedir a colaboração da turma nos momentos de explicação, por conta da acústica do espaço.

O espaço de quadra designado para a aula foi então dividido em três, e o tema da aula, segundo os professores, seria a criação de linha de passe, e os princípios operacionais de finalizar e defender a meta.

O primeiro terço da quadra contava com uma goleira inflável posicionada na linha de fundo, com um goleiro defendendo a meta. Duas colunas de alunos foram posicionadas de frente para a goleira, enquanto uma foi posicionada logo ao lado da trave, de frente para as outras duas colunas. Ao sinal do professor, o aluno ao lado da trave passaria a bola para uma das colunas, e logo após teria de defender a meta em uma situação de superioridade numérica (2x1 + goleiro). Esta atividade pode ser caracterizada como uma situação de jogo, visando o trabalho dos princípios operacionais previamente abordados. Os alunos deveriam trocar de coluna a cada tentativa de finalização, e esta dinâmica de troca constante os confundiu em alguns momentos. Apesar disso, foi uma atividade muito proveitosa para o ensino do que foi proposto.

O segundo terço da quadra possuía uma goleira (com goleiro) posicionada na linha de fundo, uma coluna de frente para a meta e um aluno posicionado, de costas para o gol, entre o goleiro e a coluna. A atividade se dava da seguinte maneira: o primeiro aluno da coluna passava a bola para o aluno posicionado de costas, simulando a movimentação de um pivô do futsal. O aluno “fazendo o pivô” deveria devolver a bola, ajeitando para a finalização do colega. Uma variação observada foi a inclusão de um defensor atrás do pivô, que deveria impedir o giro para finalização do mesmo, além de tentar bloquear a finalização, dificultando a ação dos atacantes. Esta atividade pode ser considerada um exercício analítico em um primeiro momento, tornando-se uma situação de jogo a partir da inclusão de um adversário, simulando uma dinâmica muito recorrente na prática do futsal.

O terceiro terço da quadra contava com duas pequenas goleiras infláveis, tamanho 120x180cm, uma posicionada de frente para a outra nas linhas de fundo. Neste espaço, ocorriam pequenos jogos de 2x2 sem goleiro, com duas duplas aguardando do lado de fora da quadra por sua vez de jogar. Este exercício pode ser

considerado um jogo pré-desportivo, alterando a dinâmica do jogo formal sem perder sua lógica interna.

Cada grupo vivenciou cada atividade por 15 minutos, antes da pausa para reidratação e o reinício do processo, vivenciando por uma segunda vez as atividades, desta vez com as pequenas variações explicitadas acima. Na figura 2, uma representação de como se deu a dinâmica das atividades, e como a turma estava posicionada em quadra durante o andamento da aula, com os terços da quadra numerados, da esquerda para direita.



Figura 2 – Dinâmica das atividades da aula observada. Fonte: Autoria própria.

Após a realização de cada uma destas atividades por parte dos grupos, foi realizada uma sessão de cobranças de pênalti para finalizar a aula, com um agradecimento na roda de conversa final por parte dos professores aos alunos, pela colaboração em relação aos desafios impostos naquele dia. Este momento, somando os pênaltis e a conversa, totalizou 10 minutos.

Aula 4 - 12 de setembro: Na aula seguinte, mesmo com o clima favorável para a aula nas quadras descobertas, os professores tomaram a decisão de realizar a aula no ginásio novamente, desta vez utilizando toda a quadra disponível, em acordo com a professora de vôlei que cedeu seu espaço. Isso se deu por conta de um amistoso que foi marcado para a turma de futsal no sábado seguinte (16/09) contra outra escola. Os professores julgaram importante que a turma tivesse uma vivência

utilizando a quadra que seria a usada nos jogos de sábado, experienciando uma aula com a dimensão oficial de uma quadra de futsal.

A aula iniciou com uma conversa acerca do porquê a aula seria realizada no ginásio e as combinações para o amistoso de sábado. Os alunos tinham muitos questionamentos, como em relação aos adversários, uniforme, horários, duração, o que é natural já que para muitos seria a primeira experiência neste formato. Por conta disso, o momento inicial teve aproximadamente 12 minutos de duração. Após todos os questionamentos terem sido sanados, a aula teve início.

Para iniciar a aula, cada aluno recebeu uma bola, e o exercício seria uma brincadeira de pega-pega, com a variação de que os alunos só poderiam se locomover por cima das linhas de marcação da quadra. Esta atividade teve como objetivo trabalhar a condução, além de fazer com que a turma se ambientasse com a dimensão da quadra e seus limites. Algumas variações foram propostas, como o número de pegadores; a inclusão de alunos para “salvar” os colegas; e as linhas que poderiam ser utilizadas.

Após a realização desta atividade por cerca de 15 minutos, os alunos foram divididos em 4 equipes para um jogo formal na quadra. Os professores, ao selecionarem as equipes, já buscaram formar quartetos que fossem utilizados durante o amistoso, para uma melhor adaptação dos alunos durante o jogo. Outro ponto que estava sendo trabalhado, inclusive citado pelos professores, foi a forma como os alunos que estavam fora de quadra, no banco esperando seu jogo, deveriam se portar. A todo momento era feito o lembrete de que durante o jogo, quem não estivesse jogando deveria estar no banco esperando sua vez, e não circulando pelo ginásio. Além disso, o professor parava a aula constantemente para trabalhar três movimentações ensaiadas: uma na saída de bola, após o tiro de meta; uma de bola parada ofensiva, no escanteio; e uma de bola parada defensiva, também em escanteios. Estes comandos do professor causaram um pouco de confusão no início aos alunos, visto que não estavam acostumados a trabalhar movimentações ensaiadas, mas com o passar da aula os alunos foram se familiarizando e também se animando com a aula, relatando que sentiam-se como atletas profissionais. A atividade com os jogos formais durou o restante da aula, com exceção de duas pausas para reidratação. No geral, foi uma das aulas em que a turma mais se mostrou eufórica, acredito que por uma soma de fatores: a realização da aula no ginásio e a preparação para o amistoso.

Aula 5 - 26 de setembro: A quinta aula observada aconteceu no dia 26, duas semanas após a última aula, que antecedeu o jogo amistoso da turma. Isso se deu por conta de um dia previsto na escola para o não acontecimento das atividades extracurriculares, terça-feira (19). Neste dia, os alunos foram liberados após o término de suas aulas curriculares por conta de uma reunião geral dos docentes.

Nesta aula, o momento inicial que inclui a roda de conversa acabou por ocupar uma grande parcela da aula, levando em torno de 25 minutos de duração. Isso porque os professores debateram com os alunos as sensações e os acontecimentos do amistoso do sábado anterior. Muitos alunos tinham experiências para compartilhar, em geral todas muito positivas, o que tornou este momento bastante produtivo. Logo após, os alunos foram divididos em três grandes grupos, um em cada quadra do espaço externo onde estava sendo realizada a aula. Os objetivos da aula não foram apresentados previamente, e cada espaço teria uma atividade diferente.

Na primeira quadra, com o professor, um dos grupos realizava um jogo formal, com uma diferença: cada equipe contava com 6 alunos, o que levou a uma dinâmica diferente. Enquanto as duas equipes se enfrentavam, 5 contra 5, um aluno de cada equipe seria o técnico de seu time. A cada 3 minutos, o aluno designado para ser o técnico mudava, e esta dinâmica foi vista com bons olhos pelos alunos, que se divertiram muito enquanto na função de técnicos. Além disso, foi interessante observar como cada aluno se portava nesta função, e como cada um recebia as ordens de cada técnico. Quando o treinador era um colega próximo, os alunos tendiam a cumprir com os comandos, o que nem sempre acontecia quando o treinador era alguém de turma ou idade diferente.

Na segunda quadra, a atividade era um jogo pré-desportivo que se assemelhava muito ao jogo formal de futsal, com a exceção de que não haviam goleiras ao final da quadra, e sim cones. Cada equipe tinha que defender três cones, enquanto tinham de derrubar os cones do adversário. As primeiras partidas trouxeram questionamentos importantes, como a distância permitida para defender seu cone, se era possível derrubar seu próprio cone, e também dúvidas sobre o espaço de jogo e delimitação das áreas. A partir dos questionamentos dos alunos, a professora foi moldando as regras para um melhor andamento da atividade.

Na terceira quadra, com os estagiários, estava sendo realizada uma atividade de superioridade numérica, similar a que foi desenvolvida na Figura 2, explicitada

acima. Dois alunos deveriam atacar a meta enquanto um defensor (e o goleiro) a protegiam, configurando um exercício de situação de jogo.

Cada grupo realizou por aproximadamente 15 minutos cada atividade, e que somados ao tempo inicial de conversa, totalizou a duração completa da aula. Para finalizar, novamente os professores realizaram a já tradicional sessão de cobranças de pênaltis antes do final da aula, nos últimos 5 minutos.

Aula 6 - 03 de outubro: Pela segunda vez desde o início das observações, estava chovendo no dia, o que fez com que a aula fosse remanejada para o ginásio, dividindo o espaço com a turma de voleibol. Desta vez, no entanto, a separação dos grupos no espaço foi feita de forma diferente.

Inicialmente, uma roda de conversa com duração de 5 minutos para explicar o que seria trabalhado no dia e um pedido para a colaboração da turma nos momentos de explicação, por conta da acústica do ginásio. Os alunos foram então divididos em três grandes grupos, com atividades designadas por cada professor, além dos estagiários. O objetivo desta aula seria trabalhar a condução, o passe e a finalização.

O primeiro grupo permaneceu dentro de quadra, realizando um jogo formal, com a adaptação no espaço de jogo que seria reduzido por conta do contexto da aula. O segundo grupo realizou uma atividade no canto da quadra, que já havia sido realizada em outra aula afetada pela chuva: com uma goleira pequena (com goleiro) posicionada, uma coluna de frente para a meta e um aluno posicionado, de costas para o gol, entre o goleiro e a coluna. O primeiro aluno da coluna passava a bola para o aluno posicionado de costas, simulando a movimentação de um pivô do futsal. O aluno “fazendo o pivô” deveria decidir entre devolver a bola, ajeitando para a finalização do colega, ou virar o corpo e finalizar na meta. A variação aplicada desta vez, no entanto, foi que um dos estagiários estaria posicionado atrás do pivô, com uma bola de pilates, simulando o contato de um defensor nas costas do aluno. O objetivo seria estimular o uso do corpo do adversário para realizar o giro, uma ação comum no futsal.

O terceiro grupo utilizou outro canto da quadra em uma atividade analítica, com duas colunas voltadas de frente para a outra. A atividade consistia em conduzir em velocidade ao redor de cones e realizar o passe para o colega da outra coluna, “trocando” de bolas. Uma variação incluída pela professora foi posicionar um banco entre as duas colunas, fazendo com que o aluno devesse escolher entre realizar um

passa rasteiro por baixo do banco, ou um passe elevado por cima do mesmo. Esta atividade, apesar da variação, acabou tornando-se visivelmente repetitiva para os alunos depois de um certo período de tempo, que já não estavam concentrados na tarefa proposta por conta da repetição massiva.

Outras pequenas variações foram sendo adicionadas nas atividades, como a inclusão de diferentes materiais para o drible, ou a adição de um defensor na atividade de pivô. Após todos os grupos terem realizado todas as atividades por aproximadamente 20 minutos, a aula chegou ao seu fim com a sessão de cobranças de pênaltis e a roda de conversa final, com duração de 10 minutos.

Aula 7 - 10 de outubro: A penúltima aula observada seguiu o mesmo roteiro, sendo iniciada com uma roda de conversa sobre regras de convivência, por conta de mais um acontecimento no trajeto da cantina até as quadras, além de um desentendimento entre dois alunos na fila. Este momento teve a duração de 10 minutos. Após a conversa, a turma foi dividida em três grandes grupos, sendo um deles na quadra principal com o professor no exercício de um jogo pré-desportivo; outro grupo na quadra ao lado, com a professora, realizando uma estafeta de coordenação motora; e outro grupo na terceira quadra com os estagiários, realizando a brincadeira do “jogo dos números”.

Na quadra principal, o professor realizou um jogo pré-esportivo com a turma, elaborado da seguinte forma: o grupo foi dividido em duas equipes, cada uma posicionada em coluna nas linhas de fundo. Em cada linha lateral, perto do meio da quadra, ficavam dois alunos que seriam os “coringas”. O primeiro de cada coluna da linha de fundo sairia para um 1x1, com o objetivo de marcar o gol na meta adversária (com goleiro). Os alunos “coringas” auxiliam os colegas que estão na disputa, cooperando com quem estiver com a posse da bola. Esta atividade, após a primeira rodada, foi variada com a inclusão de mais um aluno por equipe em quadra, formando um 2x2. Nas primeiras tentativas, os alunos ainda estavam um pouco confusos em relação aos coringas, não os utilizando com frequência. O professor então interviu, comentando sobre a importância daqueles colegas, fazendo com que a turma compreendesse melhor o motivo de sua inclusão.

Já a estafeta de coordenação motora na segunda quadra, com o objetivo de trabalhar a condução, foi montada da seguinte forma: duas colunas foram formadas de frente para duas goleiras. O primeiro aluno da coluna deveria conduzir a bola até

um limite demarcado por cones, pegar um arco do chão e tentar acertá-lo, arremessando, por dentro de um cone grande. Caso tivesse sucesso, poderia finalizar a gol na goleira. Este processo se repetia até todos os alunos das colunas terem participado, e vencia quem terminasse em menor tempo o desafio. Após a primeira rodada, o desafio do arco no cone foi substituído por realizar um drible de escolha do aluno em volta do cone antes de finalizar.

Por fim, na quadra ao lado, a brincadeira do “jogo dos números” funcionou da seguinte forma: o grupo foi dividido em duas equipes, que sentavam uma em cada linha lateral da quadra. Cada aluno foi designado com um número, e a bola permanecia no meio da quadra. Ao ter seu número chamado, o aluno deveria levantar e disputar a bola com o aluno da equipe adversária, e tentar marcar um gol. Na segunda rodada, os números foram substituídos por países, e o aluno deveria levantar quando fosse dito um jogador de futebol daquele país. Esta variação causou grande euforia entre os alunos, que tinham seus jogadores e equipes favoritas, o que desenvolveu a curiosidade da turma.

Após o fim do primeiro período de 45 minutos e a pausa para reidratação, os alunos foram divididos em quatro equipes de 5 alunos cada, e praticaram o jogo formal em duas das quadras disponíveis, alternando os confrontos. Na roda de conversa final, os professores parabenizaram os alunos pelo envolvimento em todas as atividades propostas no dia, independente de sua complexidade ou método.

Aula 8 - 17 de outubro: Por fim, a última aula observada neste período foi a do dia 17 de outubro, realizada novamente no espaço aberto da cobertura, com três quadras poliesportivas. A aula teve início com uma roda de conversa parabenizando novamente os alunos pela evolução nos últimos dois meses de trabalho, e os professores abriram o momento para que os alunos compartilhassem suas visões sobre as aulas. Os alunos comentaram, de forma geral, que seria interessante ter mais experiências como a do amistoso que tiveram no mês de setembro, pois para eles é uma forma de “testar” o que estão trabalhando semanalmente. Em relação a isso, um deles comentou que foi muito gratificante a equipe marcar um gol no amistoso a partir de uma jogada trabalhada durante as aulas, e que isso lhe deu mais ânimo para estar presente nas aulas, pois enxergava uma evolução em seu jogo. Fiquei muito contente com este relato, pelo processo que foi trabalhar com este aluno em específico e as conversas diárias que tinha com o mesmo.

Os alunos foram divididos novamente em três grandes grupos, e por ser a última aula antes de um recesso de uma semana de primavera (“*Spring Break*”), os professores comentaram que haveria mais tempo dedicado ao jogo formal no final da aula.

Na primeira quadra, a atividade foi um jogo pré-desportivo conhecido como “jogo dos dez passes”, em que os alunos, divididos em duas equipes, devem trocar dez passes com os colegas de equipe de forma ininterrupta, visando assim marcar um ponto. Esta atividade estimula a manutenção da posse de bola, a partir da criação de linhas de passe.

Na quadra ao lado, com a professora, foi realizado novamente o jogo dos números, desta vez estimulando situações de jogo. Isso foi feito escolhendo dois ou mais alunos por vez na mesma rodada, o que tornava a atividade em uma situação de 2x2 ou 3x3 com goleiros.

E na terceira quadra, com os estagiários, foi realizada uma brincadeira de pega-pega, com um pegador e um salvador, ambos com bola. O aluno que fosse pego deveria virar “estátua” com as pernas afastadas, e o salvador deveria socorrê-lo passando a bola entre as pernas, dando o nome da brincadeira de “Pega-pega Caneta”.

Após o fim do primeiro período de 45 minutos, os alunos foram então divididos em quatro equipes para o exercício de jogo formal em duas quadras, alternando os confrontos. Ao fim da aula, os alunos realizaram uma sessão de cobrança de pênaltis antes de serem liberados.

3. DISCUSSÃO

A partir destes dois meses de observação, totalizando oito aulas, foi possível ter uma visão bastante aprofundada da relação dos professores com a turma, bem como com os estagiários (incluindo a mim) e como os alunos respondiam às tarefas propostas pelos professores. É importante ressaltar que, para além das oito aulas observadas, a minha atuação como estagiário na escola também incluía as aulas de Educação Física escolar dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental há pelo menos nove meses anteriores às observações. Tal fato se faz relevante porque como profissional, fazer parte destes outros momentos da vida e da aprendizagem dos alunos dentro da escola foi essencial em minha formação, um dos objetivos da realização de um estágio. Além disso, este tempo também serviu no intuito de construir uma relação de confiança com as turmas.

Em relação ao período de estágio e o uso do mesmo para a realização de uma pesquisa, Pimenta e Lima (2005) dizem que a pesquisa é uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor. Acerca desta temática, os mesmos adicionam:

A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam (PIMENTA; LIMA, 2005, p. 14)

No que diz respeito ao ensino do futsal no contraturno escolar, destaco o que dizem Gáspari e Schwartz (2001), tratando o esporte extracurricular como um elemento facilitador para contemplar a automotivação e oportunizar situações capazes de gerar mudanças atitudinais. Isto vai ao encontro do relato da aula 8, em que um dos alunos comentou na roda de conversa inicial o quão gratificante foi ver a

equipe marcar um gol no amistoso a partir de uma jogada trabalhada durante as aulas, e o quanto isso lhe deu ânimo para estar presente nas aulas, pois conseguia enxergar uma evolução em seu jogo.

Dito isso, a minha relação com os alunos e o meu olhar para cada um deles acaba desta forma extrapolando os limites do que foi observado, visto que eu já havia vivenciado muitas experiências em contextos diferentes com aquele grupo de alunos. Por exemplo, a estruturação das aulas e a forma como a turma lidava com as tarefas foi bastante diferente em relação ao ano letivo anterior. Para o ano letivo em questão, foi incluído mais um professor para as aulas de futsal, além do número de matrículas na turma praticamente ter dobrado. Esta questão influenciou enormemente no planejamento dos professores que, na minha visão, tinham como base a turma do ano letivo anterior.

O planejamento montado antes do início das aulas naturalmente sofreu alterações ao longo das práticas, pois os espaços físicos para as aulas por vezes não davam conta do número de matriculados, como visto nas aulas 3 e 5, em que o ginásio foi dividido com uma turma de voleibol e algumas atividades foram remanejadas para espaços alternativos. Como uma das questões que mais sofreu alterações, foi possível observar que a estrutura de aula descrita no planejamento anterior ao início do ano letivo variou bastante, em especial na duração de cada atividade. Além disso, a estratégia de dividir as aulas em três grupos distintos, com cada grupo vivenciando uma prática diferente simultaneamente - algo recorrente nas observações - também tem relação com o número elevado de alunos, chegando a quase 35 matriculados nas últimas aulas observadas. No entanto, além da questão quantitativa em relação ao número de alunos, a estratégia de dividir a turma em grupos realizando tarefas distintas também tem relação com o perfil heterogêneo da turma em geral. Por conter alunos no 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, por vezes foi possível observar uma maior discrepância física e técnica entre alguns alunos, como discutido na aula 2, no momento de seleção das equipes para o mini-torneio.

Outro ponto que destaco em relação ao planejamento prévio ao início das aulas é o tópico abordado no documento em questão como “Procedimentos Metodológicos”. Não foram abordadas questões estudadas pela Pedagogia do Esporte como princípios metodológicos, métodos de ensino e diferentes estratégias. Neste tópico foi possível observar apenas uma estrutura de plano de aula, com a duração de cada momento e o objetivo das atividades.

Apesar destes remanejamentos no planejamento das aulas, a turma sempre respondeu bem ao perfil de comando dos professores, tendo controle sobre a turma em todos os momentos, seja por estratégias de comunicação e estabelecimento de regras com os alunos, mas também pelo fato dos alunos observarem sua própria evolução com o trabalho realizado, o que fundamenta o trabalho dos professores. No que diz respeito a esta relação professores-alunos, destaco alguns momentos da observação, como: o combinado das últimas aulas de cada mês envolvendo maior duração de jogo formal, na aula 2; a inclusão de variações nas atividades com temáticas que aproximam os alunos da aula, como o jogo dos números com jogadores de futebol, na aula 7; a auto-avaliação por parte dos alunos na aula seguinte ao amistoso, relatando o sentimento de euforia por observar o conteúdo das aulas dentro de uma partida, na aula 8.

Em relação ao marco teórico deste trabalho, foi possível observar alguns ponderamentos ao longo dos relatos de observações. No planejamento dos professores, os objetivos e conteúdos estavam bem descritos, e as estratégias de ensino foram variadas ao longo das aulas. Para atingir os objetivos propostos, foram utilizadas estratégias citadas por Galatti e Paes (2007), como exercícios analíticos (aula 1), jogos pré-desportivos (aulas 5, 7 e 8), situações de jogo (aulas 3, 5, 7 e 8), jogos e brincadeiras (aulas 1, 4, 7 e 8), além de variações de diversos tipos nas atividades, sejam elas em inclusão de outro aluno (aulas 3 e 7), mudança de material (aula 6), variação no comando (aula 1) ou também na temática da brincadeira (aula 7). Além disso, destaco a presença de princípios operacionais dos JEC (Bayer, 1994) no planejamento de conteúdo dos professores, separando princípios a serem ensinados para cada faixa etária do projeto, e relacionando tais princípios a gestos técnicos da modalidade que pretendiam ensinar em cada aula.

O princípio metodológico utilizado pelos professores na grande maioria da observação foi o global-funcional, descrito por Greco (1998) pela utilização de jogos pré-esportivos e situações de jogo para levar o aluno a resolução de tarefas e problemas táticos, bem como a tomada de decisão em curto espaço, como observado nas atividades de 1x1 com coringa (aula 7), jogo dos cones (aula 5), e até mesmo no jogo dos números, a partir da variação com maior número de alunos por rodada (aula 8). No entanto, também foi possível observar exercícios analíticos que demonstraram uma associação ao princípio metodológico analítico-sintético, como na atividade de “trocar bolas” observada na aula 6.

Em termos de métodos de ensino, pode-se dizer que os professores tiveram influência de diferentes métodos ao longo das aulas observadas. Além da aplicação do método global, sendo caracterizado por séries de jogos (de iniciação, pré-esportivos) que mantinham a estrutura básica dos jogos formais (GRECO, 1998), - como no jogo dos cones (aula 5) - também foram observadas influências de métodos mais contemporâneos, como o Sport Education em atividades como o jogo formal com a inclusão de alunos como treinadores no lado de fora da quadra (aula 5), priorizando o aprendizado pelo envolvimento do aluno em diferentes papéis da organização esportiva (ROSA; FLORIANO; PEREIRA, 2021; GALATTI *et al*, 2017).

Ademais, destaco aqui que apesar de haver uma priorização ao referencial técnico-tático nas práticas pedagógicas observadas, foi possível observar a abordagem dos referenciais socioeducativo e histórico-cultural ao longo dos relatos. Tratando do referencial socioeducativo, Machado, Galatti e Paes (2014, p. 418) trazem uma reflexão sobre estratégias de ensino de tal referencial de forma intencional.

O trato com valores e modos de comportamento no processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento esportivo é o que diferentes autores denominam como referencial socioeducativo. [...] enfatizando o papel do professor em estimular o aluno a tomar suas próprias decisões em situações de jogo, com a base pautada pelos princípios éticos, educativos, formativos e de importância ao desenvolvimento do aluno, tratando-o como um todo e não como soma das partes (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014, p. 418)

Destaco a aula 1, em que o professor abre a roda de conversa caracterizando conceitos, regras e a cultura do que constitui o futsal, em detrimento ao apelo cultural do futebol, o que pode ser considerado uma estratégia para abordar o referencial histórico-cultural. Além disso, na aula 2, em que ocorreu a realização de um mini-torneio, a roda de conversa final abordou questões acerca de como lidar com a vitória e a derrota, respeitando sempre os seus adversários/colegas neste processo, podendo ser classificado como uma abordagem do referencial socioeducativo no esporte. Nesta mesma ideia, na aula 4 - preparativa para o jogo amistoso da turma -, os professores constantemente lembravam os alunos acerca de como um jogador de futsal, ao não estar presente na equipe titular, deveria portar-se em frente ao time, ao treinador, e ao público no banco de reservas. Em uma atividade da aula 7, o “jogo dos números”, uma das variações executadas pode ser considerada como uma maneira

de abordar o referencial histórico-cultural, que foi na inclusão de jogadores relevantes e países ao dar os comandos da atividade. Machado, Galatti e Paes (2014, p. 415) acenam neste sentido, ao afirmarem:

[...] a finalidade de incluir intencionalmente os aspectos histórico-culturais que as modalidades carregam, como a história, regras e suas alterações, jogadores importantes para o cenário nacional, atualidades, entre outros saberes, são necessários para a compreensão das diferentes modalidades (MACHADO; GALATTI; PAES, 2014, p. 415)

Foram diversos os momentos observados neste relato que podem ser relacionados com os conceitos apresentados pela Pedagogia do Esporte, o que torna a discussão sobre os mesmos ainda mais relevante. É imprescindível que todo agente pedagógico traga luz sobre estes conceitos, buscando a intencionalidade na aplicação destes no processo de ensino dos esportes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estes dois meses de observação dentro do estágio, posso dizer que finalizei este processo como um profissional muito mais qualificado comparado a quando iniciei. Poder observar de perto a aplicação de diferentes estratégias de ensino com uma modalidade a qual tenho muito apreço foi uma experiência ímpar que certamente impactou minha formação como profissional e como ser humano. Além disso, mergulhar a fundo na influência da Pedagogia do Esporte e seus conceitos para o processo de ensino, vivência e aprendizagem durante a realização deste trabalho foi algo que me qualificou muito, compreendendo melhor a importância de todas suas funções: organizar, sistematizar, refletir, avaliar e criticar a prática esportiva. Reconhecer e colocar em prática estas funções acabam por abrir portas para um conhecimento essencial para todo “agente pedagógico”, seja ele professor ou treinador. A partir disso, também foi possível observar na prática a atuação do treinador como professor, psicólogo, enfermeiro, entre outras variadas incumbências, afinal lidar com a formação de seres humanos dentro do ambiente escolar requer atribuições diversas ao profissional que ali está incluído. E também por isso sou muito grato por ter escolhido esta área de atuação, mesmo que no início da graduação esta não fosse uma realidade atrativa. Por fim, destaco a importância que haja mais trabalhos assim para o processo de formação acadêmica de licenciados, acrescentando mais informações às suas formações, discutindo a utilização de diferentes métodos de ensino dos esportes, bem como a relevância do estágio e de seus relatos na construção do profissional.

REFERÊNCIAS

ASSIS, N.; ZANELLA, A. Jovens e Programas de Contraturno Escolar: (Des)encontros Possíveis. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, vol. 7, n. 1, jan/jun. 2012.

AZOLINI, L. C. **O estágio supervisionado na formação do professor de educação física : um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de 2012**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

BACCALAUREATE, International. Learner profile for IB students. Disponível em: <https://www.ibo.org/benefits/learner-profile/> Acesso em: 25 de jan, 2024.

BASEI, A.; BENDRATH, E.; MENEGALDO, P.H. Atividades complementares curriculares em contraturno escolar no estado do Paraná: um estudo do macrocampo esporte e lazer. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, n. 51, p. 136-156, julho/2017.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BERGER, A.; GINCIENE, G; LEONARDI, T.J. Pedagogia do Esporte e o referencial socioeducativo: diálogos entre a teoria e a prática. **Movimento**. v. 26, jan./dez, 2020.

EIDELWEIN, B.; NUNES, M. S. Esporte na Educação Física Escolar e sua importância na socialização. **EF Deportes**. Buenos Aires, v. 15, n. 147, agosto de 2010.

FERREIRA, H. B. **Pedagogia do esporte: identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino-vivência e aprendizagem da modalidade basquetebol**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

FRAGAS, C. A. N. **A Prática Pedagógica através do Futsal na Educação Física**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Programa Universidade Aberta do Brasil – Polo Duas Estradas - Paraíba, 2017.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 2002.

GALATTI, L. R. *et al.* Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 3, p. 115-127, 2018.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do esporte: esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol**. 305 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GALATTI, L. R. *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. **Pensar a prática**, v. 20, n. 3, 2017.

GALATTI, L. R. *et al.* Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GALATTI, L. R., PAES R. R. Pedagogia do esporte e a aplicação das teorias acerca dos jogos esportivos coletivos em escolas de esportes: o caso de um clube privado de Campinas-SP. **Conexões**, v.5, n. 2, p. 31-44, 2007.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: A. Graça & J. Oliveira (Eds). **O ensino dos jogos desportivos**, 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GÁSPARI, J. C.; SCHWARTZ, G.M. Adolescência, esporte e qualidade de vida; Universidade Estadual Paulista. **Motriz**. v.7, n.2, p. 107-113, Jul-Dez, 2001.

GHIRALDELLI JR, P.: **O que é pedagogia**. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GRECO, P. J. Revisão da metodologia aplicada ao ensino-aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. In: GRECO, P. J. (Org.) **Iniciação esportiva universal**, v. 2. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

LEONARDI, T. J. **Pedagogia do esporte: pressupostos para uma teoria da avaliação da aprendizagem**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

LEONARDI, T. J. **Pedagogia do esporte: ensino, vivência e aprendizagem do basquetebol em situações adversas de espaço físico e material didático**. 2010. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

LEONARDI, T.J. *et al.* Referenciais da pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: interfaces teóricas e aplicadas. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 24, mar/2021.

LEONARDI, T. J.; BERGER, A. G.; REVERDITO, R. S. Esporte contemporâneo e os novos desafios à pedagogia do esporte. In: **Esporte e sociedade: um olhar a partir da globalização**. São Paulo, SP: lea/USP, 2019. p. 254-269. 2019.

LUGUETTI, C. N. *et al.* O planejamento das práticas esportivas escolares no ensino fundamental na cidade de Santos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Brasília, v. 37, n. 4, p. 314-322, out./ 2015.

MACHADO, G. V. **Pedagogia do esporte: organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 2, p. 414-430, jan./mar. 2014.

MACIEL, L.; FERIATO, M.; FOLLE, A. O ensino do basquetebol no contraturno escolar: um relato de experiência a partir das novas tendências de ensino dos esportes. **Revista de Educación, Motricidad e Investigación**, n. 16, p. 94-104, 2021.

NASCIMENTO, M. **A influência da prática do esporte para aprimoramento do condicionamento motor de pré-adolescentes**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Bacharelado em Educação Física, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás, 2017.

NUNES, G. *et al.* Pesquisa científica: conceitos básicos. **ID Online Rev. de Psicologia**. Ceará, v. 10, n.29, fev/ 2016.

PACÍFICO, A.B. *et al.* Comparação da percepção de qualidade de vida entre adolescentes praticantes e não praticantes de esporte no contraturno escolar. **Cad Saúde Colet**. v. 28, n. 4, p. 548-555, dez./2020.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. 198 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. DE ROSE, D. *et al.* **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, p. 73-83, 2009.

PÉREZ-ORDÁS, R. *et al.*; Evaluation of Extracurricular Sports Activities as an Educational Element of Sustainable Development in Educational Institutions. **Sustainability**, v. 11, jun/2019.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M.S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, Santa Catarina, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

ROSA, G; PEREIRA, M.P.; FLORIANO, L. Sistematização dos jogos desportivos coletivos de invasão nos anos finais do ensino fundamental: um relato de experiência. **Corpoconsciência**. Cuiabá, v. 25, n. 3, p. 49-70. set./dez. 2021.

SCHAAB, D. *et al.* Qualidade de vida de crianças e adolescentes praticantes de esportes: uma revisão sistemática. **Rev Saúde e Desenv Humano**, v. 10, n. 3, ago/2022.

SILVA, M.D.C. **Equipes de treinamento de futsal de uma escola privada de Porto Alegre: relações, expectativas e experiências**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2018.

SILVA, M.S. Lazer e esporte no contraturno escolar em Belo Horizonte/MG. **Rev Bras de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 9, n.2, p. 201-219, mai./ago, 2022.

SILVA, M.V.; GRECO, P.J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.3, p.297-307, jul./set. 2009.

SOARES, V. **Aptidão física de crianças e adolescentes participantes de futebol de campo no contraturno escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, 2021.

TEODORESCU, L. **Problema de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

VECCHIOLI, D. Esporte mais praticado nas escolas, futsal é excluído dos jogos escolares. **UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2023/02/09/esporte-mais-praticado-nas-escolas-futsal-e-excluido-dos-jogos-escolares.htm>
Acesso em: 08 de jan, 2024.